

Generificação da docência: uma análise sobre as representações sociais de gênero no Curso de Pedagogia do Centro Universitário de Patos de Minas - UNIPAM

Gender and teaching: an analysis on gender social representations in the Pedagogy Course of Centro Universitário de Patos de Minas - UNIPAM

Amanda Gomes de Brito

Graduada em História pelo Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM.

E-mail: amanda2ghist@gmail.com

Resumo: O principal intuito desta pesquisa é utilizar o gênero como uma categoria útil de análise histórica, a fim de problematizar a presença masculina no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Centro Universitário de Patos de Minas - UNIPAM, abrangendo o recorte temporal de 1992 a 2016. Para tanto, são usadas fontes qualitativas e quantitativas, com intuito de verificar se a docência estaria passando por um processo de desfeminização.

Palavras-chave: Gênero. Pedagogia. Docência.

Abstract: The main purpose of this research is to use gender as a useful category of historical analysis, in order to problematize the male presence in the Degree in Pedagogy course from the Centro Universitário de Patos de Minas - UNIPAM, covering the time frame from 1992 to 2016. To this end, qualitative and quantitative sources are used, in order to verify if the teaching is going through the process of decreased female ratio.

Keywords: Gender. Pedagogy. Teaching.

1 Introdução

“A escolha profissional é historicamente indissociável do postulado geral segundo o qual há indivíduos para cada tipo de ofício.” (RABELO, 2013, p. 213). Começo a introdução do presente trabalho com essa citação, que evidencia como o aspecto das relações sociais de gênero estão presentes e são de suma importância na escolha profissional de cada pessoa.

Nesse sentido, a atual pesquisa abordará o processo histórico que permeia a profissão de docente. Quando se adentra no assunto, é notável a grande quantidade de trabalhos que estudam o processo de generificação da docência. Porém, na maioria desses trabalhos, o foco central está na presença feminina no meio educacional, designando, assim, importância secundária para o papel masculino. Essa evidência acaba por reafirmar as representações sociais de gênero que permeiam a profissão de docente, o que acarreta na visão de educadores do gênero masculino como sendo um “corpo estranho” nas instituições de ensino. Esta pesquisa almeja incluir decisivamente o papel de profissionais da educação do gênero masculino, visto que são, igualmente, de suma importância no meio educacional.

A presente pesquisa tem como objeto a presença masculina no curso de licenciatura plena em Pedagogia do Centro Universitário de Patos de Minas - UNIPAM, abrangendo o recorte temporal de 1992 a 2016. A escolha de tal objeto de pesquisa se justifica em função da importância que tal instituição acadêmica tem para a sociedade patense e para a região, na medida em que, historicamente, foi uma das, senão a mais, importante no processo de formação de profissionais na área de educação.

A Fundação Educacional de Patos de Minas – Fepam – [hoje Centro Universitario de Patos de Minas – Unipam-] foi instituída pelo Governo do Estado de Minas Gerais, no dia 27 de maio de 1968, através da Lei 4.776. Os primeiros cinco cursos foram autorizados em 14 de abril de 1970, juntamente com a autorização do funcionamento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Os primeiros cursos autorizados foram: Ciências Biológicas, História, Letras, Matemática e Pedagogia, na modalidade Licenciatura Plena (UNIPAM, 2018, p.1).

Almeja-se pesquisar as especificidades sociais do curso citado, a fim de problematizar o processo histórico da generificação da docência. A feminização do curso seria ainda uma realidade? Quais os preconceitos giram em torno da profissão estudada? Até que ponto as expectativas relacionadas ao gênero influenciam na hora de decidir qual curso e carreira profissional as pessoas irão seguir? E, ainda mais, o que leva os homens presentes no curso de Pedagogia a desvencilhar-se das representações sociais de gênero que o curso carrega e optarem por essa área?

Dado isso, o objetivo principal deste trabalho é estudar o processo histórico que permeia a profissão docente, com finalidade de investigar se a mesma está passando por um processo de desfeminização. Nesse sentido, a pesquisa busca inserir decisivamente o papel de professores do gênero masculino no âmbito educacional, almejando compreender, por meio de fontes orais, os motivos que levaram tais indivíduos a optarem pelo curso de Pedagogia. Por meio disso, será possível evidenciar as representações sociais de gênero que o curso estudado carrega, além de analisar se há preconceitos que permeiam o referido curso e a profissão/carreira profissional advinda do mesmo.

Explicitados os objetivos que a pesquisa sustenta, justifica-se o desenvolvimento da mesma, visto que há diversos trabalhos que tematizam a feminização da docência, havendo uma ausência considerável de pesquisas que inserem os professores do gênero masculino no tema. Além disso, a atual pesquisa aborda como o gênero influencia na escolha dos estudos superiores, tendo em mente que o curso de Pedagogia é majoritariamente frequentado por mulheres.

Do ponto de vista metodológico, este trabalho alia pesquisa empírica e pesquisa bibliográfica. Na pesquisa empírica foram utilizados dados quantitativos oferecidos pela própria instituição que mensuram a presença masculina no interior do referido curso, além das fontes orais produzidas por meio de entrevistas feitas com três ex-alunos. Na pesquisa bibliográfica foram utilizados artigos e livros, oriundos de meios físicos e digitais, que são consistentes com a discussão e apresentação sistemática das ideias.

2 Gênero e educação: diálogos historiográficos

Começar a escrever sobre mulheres e, ainda, sobre o feminino na Educação é fazer um movimento em direção a idéias já conhecidas e amplamente difundidas a respeito desses termos, mas, acima de tudo, deixar-se incomodar pelo que não se sabe e partir em busca da construção de outros sentidos. (MARAFFON, 2006, p.2)

Inicialmente, a educação por longo tempo foi atribuída somente ao gênero masculino, sendo os conteúdos de ensino restritos a campos religiosos, como, por exemplo, nos mosteiros da Igreja Católica, de modo que a aplicação e perpetuação dos mesmos eram feitas por clérigos.

Com a Revolução Francesa e a conseqüente ascensão da burguesia comercial no século XVIII, o papel exercido pela mulher começou a ser mudado, fazendo com que a mesma começasse a se inserir paulatinamente no mercado de trabalho remunerado. Porém, a visão da mulher como sendo “dona de casa” e responsável pela criação de seus filhos não foi abandonada, o que acarreta uma dualidade de funções na realidade feminina.

É nesse contexto histórico que o caminho para a atuação da mulher na educação começou a se abrir. Como consequência de um processo histórico que levou séculos, a atuação da mulher na educação acabou por ser vista como um “dom” ou “vocação” feminina para exercer tal profissão.

A associação da atividade de magistério a um “dom” ou a uma “vocação” feminina baseia-se em explicações que relacionam o fato de a mulher gerar em seu ventre um bebê com a “conseqüente função materna” de cuidar de crianças; função esta que seria ligada a feminilidade, à tarefa de educar e socializar os indivíduos durante a infância. Dessa forma, a mulher deveria seguir seu “dom” ou “vocação” para a docência. (RABELO; MARTINS, 2006, p. 2).

Já em âmbito nacional, a caracterização da mulher como educadora não ocorreu de forma imediatista. O modelo trazido pelos portugueses na colonização do Brasil foi exclusivamente patriarcal, amparado na cultura judaico-cristã do Ocidente (RABELO; MARTINS, 2006).

O modelo citado determinava que as mulheres fossem subjugadas por homens, trazendo como consequência a falta de autonomia feminina. A atuação da mulher estava restrita quase que exclusivamente à esfera privada, restringindo sua atuação pública nas atividades da igreja. Rabelo e Martins (2006, p.2) discorrem que “o impacto dessa restrição levou a mulher a se recolher ao âmbito doméstico, à condição de mera reprodutora, tornando-se apenas um objeto de domínio masculino”, não sendo necessária a boa formação da mesma. A única função educacional que cabia à mulher era relacionada somente às primeiras letras e aos cálculos aritméticos básicos, a fim de assegurar as tarefas domésticas.

Foi com a primeira Lei de ensino (1827) que a educação popular e pública começou a se tornar realidade no Brasil. Essa mesma Lei deu direito ao ingresso de mulheres na escola primária. Porém, os conteúdos ministrados eram divergentes com os ensinados para o sexo masculino, sendo o ensino feminino voltado para a costura, bordado e cozinha, enquanto os homens estudavam geometria, sendo esta considerada critério para estabelecer níveis salariais (RABELO; MARTINS, 2006).

Com a abolição da escravidão, em 1888, houve uma expansão da mão de obra assalariada. Tal fato fez com que a industrialização aumentasse, trazendo consigo a necessidade de trabalhadores especializados e instruídos, encaminhando o aumento das pressões que exigiam educação. Houve, então, aumento de professores do gênero masculino e, simultaneamente, acentuou-se a admissão de mulheres na Escola Normal, que era o único meio que aprovava socialmente o avanço dos estudos para o gênero feminino.

De acordo com Gatti,

fazendo uma pequena digressão histórica sobre a formação de professores no Brasil, lembramos que a formação de docentes para o ensino das “primeiras letras”

em cursos específicos foi proposta no final do século XIX com a criação das Escolas Normais. Estas correspondiam à época ao nível secundário e, posteriormente, ao ensino médio, a partir de meados do século XX. Continuaram a promover a formação dos professores para os primeiros anos do ensino fundamental e a educação infantil até recentemente, quando, a partir da Lei n.9.394 de 1996, postula-se a formação desses docentes em nível superior, com um prazo de dez anos para esse ajuste. É no início do século XX que se dá o aparecimento manifesto da preocupação com a formação de professores para o “secundário” (correspondendo aos atuais anos finais do ensino fundamental e ao ensino médio), em cursos regulares e específicos. (2010, p. 2)

Além disso, com a Proclamação da República, em 1889, as pressões para o aumento das oportunidades educacionais se tornaram mais densas. Os líderes republicanos acreditavam que o magistério era uma profissão feminina e eram crentes de que a mulher estava “naturalmente” apta para cuidar de crianças. Dado isso, a partir da segunda década do século XX, o número de mulheres formadas no magistério foi notadamente crescente (RABELO; MARTINS, 2006).

A mulher era vista como uma “tentação” a ser “domada”, para que se tornasse boa mãe e para que não conduzisse o homem ao pecado. De acordo com Rabelo e Martins (2006, p.3), “esse pensamento era baseado na explicação bíblica da primeira mulher, Eva, ter incentivado o primeiro homem, Adão, ao pecado e, por isso, os dois teriam sido expulsos do paraíso”.

Assim, alicerçada nos postulados científicos aristotélicos de “incompletude feminina”, a Igreja Católica estabeleceu um “modelo de cristandade ocidental” permanente, no qual consolidou uma postura valorativa da mãe, ou seja, da mulher enquanto elemento procriador em constante analogia com Maria que aceitou “docilmente” sua missão. Em um pólo oposto estaria Eva, cuja criação oriunda da costela de Adão já denotava uma relação de inferioridade intrínseca – era “a pecadora” – cuja sedução maligna desviou o homem do caminho correto e extirpou do paraíso o destino de toda humanidade. (MELLO; LEITE, *apud* RABELO; MARTINS, 2006, p. 3)

Até mesmo quando a mulher se insere no mercado de trabalho remunerado, a noção de pecadora e traidora ainda está vigente, fazendo com que a ideia do homem como controlador das ações femininas ainda vigore, com que se entenda que “[...] o controle da sexualidade feminina justificaria, daí por diante, que mulheres trabalhassem com crianças, num ambiente não exposto aos perigos do mundo e protegido do contato com estranhos – especialmente os do sexo oposto”. (BRUSCHINI; AMADO, *apud* RABELO; MARTINS, 2006, p. 4)

Após a compreensão do processo histórico por trás da feminização da docência, nota-se a ausência de trabalhos científicos que tematizem a inserção dos educadores do gênero masculino na profissão de docente. Nota-se também que esse tema é tido, em sua maioria, como uma possibilidade de ecoar a voz feminina e, com isso, a voz de educadores do gênero masculino acaba por ser silenciada.

Tal fato acarreta em uma reafirmação ainda maior dos preconceitos já existentes da sociedade machista e acaba por disseminar ainda mais a ideia de “estranheza” de professores do gênero masculino nas instituições de ensino, especialmente trabalhando nos primeiros anos da educação básica.

Mesmo depois de mais de cem anos, a evasão dos homens da profissão docente continua sendo justificada pelos baixos salários e pelo desprestígio da profissão. Catani, Bueno e Sousa (1989) afirmam que nos últimos tempos há um grande número de estudos ligados a profissão docente, utilizando a categoria gênero como uma possibilidade de enfatizar a voz e a condição das mulheres. Assim acabam por deixar de lado como os homens constroem as relações com o conhecimento, com a escola, a leitura e a profissão. (SÁ; ROSA, 2004, p. 1)

E ainda, conforme salienta Rabelo (2013, p. 220),

os homens distanciaram-se progressivamente do magistério do ensino primário por vários motivos, possivelmente por causa do surgimento de outras oportunidades de emprego, dos baixos salários e do controle que aumentava, ficando mais atrativas outras áreas de trabalho. Todavia, outras influências vieram associar-se – a exemplo dos discursos que conferiam ao magistério uma imagem articulada à maternidade – e estas possibilitaram o seu afastamento da docência deste segmento passando, na maioria das vezes, à esfera da gestão da educação.

Almeja-se, portanto, compreender quais os motivos que levaram tais profissionais da educação a escolherem a docência como profissão, quais as consequências dessa escolha e como as representações sociais de gênero atuam na hora da escolha deles.

2.1 Gênero no curso de pedagogia do UNIPAM

“Como o gênero funciona nas relações sociais? Como o gênero dá sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico? As respostas dependem do gênero como categoria de análise” (SCOTT, 1990, p. 6-7). Gostaria fazer minhas estas perguntas elaboradas pela historiadora estadunidense Joan Scott, para problematizar como o gênero participa da escolha da profissão docente, pois ele está alicerçado por diversas representações sociais e pode influenciar diretamente na escolha acadêmica/profissional das pessoas.

Abarcando uma compreensão sobre o gênero, nota-se que as escolhas de homens para cursarem Pedagogia se torna atípica, visto que essa escolha representa por si só a ruptura de diversos paradigmas presentes em nossa sociedade. Consonante com Pereira (2013, p. 12), “[...] o gênero envolve expectativas socialmente definidas. E esses padrões ideais de comportamento para cada gênero, construídos pela sociedade, parecem influenciar os sujeitos no momento de sua escolha profissional”.

Com embasamento no senso comum, associa-se a escolha do curso superior meramente a gostos e preferências individuais, não enfocando, assim, a importância da esfera social nesse contexto. Porém, é necessário abranger o número de informações e perceber que as dimensões individuais e sociais se entrelaçam e se complementam.

Como já demonstrado, o percurso histórico da profissão docente passou por um processo de feminização, o que demonstra que não há uma relação natural entre a escolha acadêmica/profissional e o gênero dos indivíduos. Ou seja, não há diferenças entre as capacidades biológicas cerebrais entre os gêneros, o que há são diversas representações sociais que estão impregnadas e que rotulam os comportamentos que cada gênero deve seguir. Recorrendo ao sociólogo francês Pierre Bourdieu, Pereira corrobora esta tendência.

Na obra de Bourdieu, essa tendência de que as mulheres se iniciem pelas Letras (área de humanas) e pelas áreas de formação docente, e os homens para a área de exatas, tem sua explicação pautada naquilo que o autor chama de “A dominação

masculina”. Para esse autor, não só a divisão do trabalho entre os sexos, como toda a sociedade está organizada de acordo com parâmetros masculinos e são esses parâmetros que determinam essas permanências ou as eventuais mudanças nessa ordem social (e sexual) dos fatos. Entretanto, como esses parâmetros estão nos pilares de fundação de nossa sociedade há uma tendência de que esses mecanismos de dominação não sejam observados e que passemos a entendê-los como mecanismos naturais, num processo que ele chama de transformação da história em natureza e do arbitrário cultural em natural (PEREIRA, 2013, p. 25).

Vivemos em uma sociedade onde as representações de gênero ecoam por toda parte e a todo o momento. A partir do instante em que é “descoberto” o sexo de uma criança, os familiares e a sociedade em geral já trançam características para a mesma (por exemplo, a decoração do quarto e as roupas que ela usará). Ou seja, antes mesmo da criança nascer, ela já recebe formas predestinadas de comportamentos, que irão variar de acordo com o sexo da mesma.

Essas questões precisam ser pensadas a partir do que está no centro da noção de gênero. Sobre esse aspecto, Alves e Soares (2001) enfatizam que o gênero envolve expectativas socialmente definidas. Ao menino são permitidas coisas que são vetadas às meninas e vice-versa e tanto a família quanto a sociedade mais ampla educam as crianças de acordo com o seu sexo biológico, relacionando-o com o que a sociedade entende como masculino e feminino (PEREIRA, 2013, p. 25).

Para desvencilharmos de tais constatações que estão impregnadas na sociedade, é necessário visualizar e compreender o gênero como uma categoria útil de análise histórica, tendo ciência de que ele se opõe ao determinismo biológico. As relações de gênero precisam ser estudadas socialmente, lançando, assim, luz para a história de mulheres e de homens, a fim de gerar percepções mais amplas e claras das relações sociais existentes (TORRÃO FILHO, 2004).

[...] o gênero enquanto categoria de análise teria a vantagem de propor uma transformação dos paradigmas do conhecimento tradicional, não apenas acrescentando novos temas, mas também impondo “um reexame crítico das premissas e dos critérios do trabalho científico existente”(SCOTT,1990, p. 5). Ao lado das noções de classe e “raça”, gênero assinalava o interesse da historiografia em uma história que incluía os discursos dos “oprimidos”, numa análise do sentido e da natureza dessa opressão (TORRÃO FILHO, 2004, p.4).

Quando adentramos nas relações de gênero no curso de Pedagogia, notadamente percebemos o abismo numérico entre a quantidade de mulheres e homens que cursam/concluem o curso. De acordo com dados quantitativos advindos do Centro Universitário de Patos de Minas - UNIPAM, entre os anos de 2011 e 2016, a quantidade de homens que cursaram Pedagogia corresponde somente a 2,58% do total geral de estudantes matriculados no curso.

GRÁFICO 1



Fonte: Centro Universitário de Patos de Minas - UNIPAM

Abordando e analisando o dito curso, é notadamente perceptível que o mesmo carrega consigo marcas extremamente femininas. Uma das principais justificativas para tal fato está pautada no “dom” feminino para amar/cuidar de crianças. Porém, será que para se tornar professor(a) do ensino primário é necessário somente gostar de crianças? Como se sentem os homens que cursam pedagogia com relação a esse fato? Desde quando foram alunos e até se tornarem pedagogos, como funcionou/funciona sua vivência profissional? Qual o processo de profissionalização eles escolheram? Eles vivenciaram e vivenciam preconceitos?

Com intenção de responder a esses e a outros questionamentos foram produzidas fontes orais, a fim de gerar uma visualização ampla e direta da realidade de pedagogos. Para este fim, foram feitas entrevistas orais com três pedagogos: Marcos Antônio Caixeta Rassi, Rony Von Mesquita e Messias Soares de Sousa.

2.2 Período de formação

Aqui abordaremos, por meio de fontes orais¹, os motivos que levaram os pedagogos entrevistados a escolherem cursar Pedagogia. Além disso, explanaremos o percurso de suas carreiras profissionais. O principal intuito para a abordagem metodológica da oralidade é, mediante a abordagem dela, tornar possível uma visualização clara da realidade e dos contextos que os sujeitos entrevistados se inserem.

A escolha dos indivíduos entrevistados não foi feita de forma aleatória. O principal motivo para a seleção foi analisar o período em que os entrevistados cursaram Pedagogia e inseri-los no recorte temporal da pesquisa (1992-2016), sendo que este foi escolhido tendo em mente que os estudos de gênero no Brasil ganharam maior ênfase a partir da última década do século XX e vêm, paulatinamente, durante o século XXI, ampliando sua importância.

Além disso, outro fator de relevância para a escolha dos entrevistados está pautado no percurso acadêmico e profissional que os mesmos seguiram. Marcos Antônio Caixeta

¹

A transcrição das falas dos entrevistados foi feita de forma adaptada, mas não sendo feita adaptações quanto à correção linguística e gramatical.

Rassi, que cursou Pedagogia de 1992 a 1995, optou por usar o curso como uma alavanca para sua carreira profissional como professor.

Eu já tinha feito licenciatura em História, mas eu via lacunas, sobretudo nessa parte ligada às disciplinas de formação de professores, de didática, de manejo em sala de aula e mesmo nos processos pedagógicos da história da educação mesmo. Isso que me levou a fazer pedagogia. Eu já achava, e hoje eu tenho certeza, que isso iria me nutrir mais dos aspectos relacionados ao sistema de ensino, a proposta pedagógica mesmo, e isso me valeu demais. (RASSI, 2018).

Já Rony Von Mesquita, que cursou Pedagogia de 2003 a 2006, fez o curso com o intuito de ser professor, porém visualizando e dando ênfase para como o curso poderia a vir ajudar em sua vida pessoal: “Eu tinha vontade de ser professor. E, assim, eu fiz mais pra vida mesmo, porque se eu pensasse em ter um filho um dia, eu achava que podia contribuir também para educação dele e também pensava em seguir carreira na área de professor” (MESQUITA, 2018).

Messias Soares de Sousa, que cursou Pedagogia de 2013 a 2016, fez o curso com o intuito claro de ser pedagogo.

O primeiro motivo foi o fato de eu gostar de crianças, mas depois eu descobri que só gostar de crianças não seria o necessário. Outra questão que me motivou muito foram meus pais, porque meus pais nunca foram alfabetizados e eu sabia a importância que a educação tinha na vida de uma pessoa. Até mesmo por presenciar algumas situações que eles passaram [...]. Então para mudar essa realidade, não só deles, mas também de outras pessoas que viriam a estudar, foi que eu pensei em fazer Pedagogia (SOUSA, 2018).

Evidenciados os motivos que levaram os entrevistados a cursarem Pedagogia, agora faremos um demonstrativo da vida/carreira profissional que eles seguiram.

Messias Soares de Souza, desde o seu primeiro ano na faculdade, já iniciou sua experiência trabalhando com crianças em sala de aula. Posteriormente, trabalhou na Secretaria Municipal de Educação, onde permaneceu por dois anos. Logo que se formou, Messias prestou concurso e foi aprovado. Desde então, tem diversas experiências na Educação Infantil e também no Ensino Fundamental I, além de ter tido experiência na área administrativa de creches (SOUZA, 2018).

Já Rony Von Mesquita não chegou a atuar como professor.

Na verdade eu nem cheguei a exercer nada, eu nem cheguei a dar aula. A única experiência que eu tive com aula foi nos estágios mesmo. Porque logo em seguida que eu acabei, eu passei no concurso público da PM e já fui direto para o concurso. Então eu não tive experiência nenhuma em sala de aula, só nos estágios mesmo (MESQUITA, 2018).

Marcos Antônio Caixeta Rassi dispõe de um currículo incrível na área educacional. Quando questionado sobre sua atuação como pedagogo, ele discorre sobre a mesma, explanando seu interesse na parte administrativa da educação:

[...] agora o problema é que eu não me propus a ser professor de criança. Eu não fiz pedagogia pra isso, porque eu sinto pessoalmente uma distância danada de lidar com crianças. Então essa foi uma área que eu não... tanto que eu fiz na época... a gente podia fazer habilitação. Eu me habilitei em orientação educacional (RASSI, 2018).

2.3 A perpetuação dos estereótipos

Para avançarmos na compreensão da realidade e dos contextos que pedagogos se inserem, continuamos nossa pesquisa questionando nossos entrevistados a respeito da relação quantitativa entre os gêneros quando os mesmos cursaram Pedagogia, além de como eles visualizaram essa relação no período do curso. Outro fator de suma importância a ser abordado nesse subtítulo trata-se de compreender se os entrevistados sofreram preconceitos, e, se sofreram, como receberam e lidaram com isso. Ademais, questionamos a respeito da importância dos estudos de gênero na formação dos pedagogos, a fim de visualizar se os mesmos concebem o gênero como uma categoria útil de análise histórica.

Marcos Antônio Caixeta Rassi, nosso entrevistado da última década do século XX, assim discorre:

quando eu fiz, chamava complementação pedagógica. A legislação permitia isso. Quem já tinha uma licenciatura ingressava no curso de pedagogia e fazia só as disciplinas do curso de Pedagogia que não tinha feito na História. Então ele era aligeirado. Éramos uma turma de uns 16, que íamos para as turmas que já estavam existentes, então eram turmas sempre cheias, devia ser turmas de 40, mais a gente... Então era uma faixa de 50 alunos, dos quais só tínhamos dois homens. Eu e o Carlos que era meu colega, só nós dois homens. E aí era cerca de 48 mulheres (RASSI, 2018).

Rony Von Mesquita, nosso entrevistado da primeira década do século XXI, disse que a turma “começou com três homens e terminou com dois, eu e mais outro colega meu” (MESQUITA, 2018). Já Messias Soares de Souza, nosso entrevistado da segunda década do século XXI, explana que,

na minha turma, foi uma turma que começou com 63 pessoas, apenas eu de homem. E quando eu terminei o curso, tinha mais três outros homens de outros períodos, só não recordo de qual período eles eram. E aí somavam-se quatro homens em todo o curso. [...] No final formamos 42 pessoas (SOUSA, 2018).

Como já explanado, Messias Soares de Souza é, dos nossos entrevistados, o que mais viveu e vive a realidade como pedagogo. Além de presenciar as relações sociais marcadamente femininas que o curso de Pedagogia carrega enquanto ainda era estudante, ele também atuou/atua como pedagogo e convive com essas representações todos os dias. A respeito disso, Messias discorre que as representações e vivências são muitas.

Da sociedade é assim: pra que? Você vai fazer o que quando formar? Será que isso vai dar dinheiro? Vem mais é de família, amigos mais próximos... eles perguntam: porque você tá fazendo isso? Porque não faz outro curso? Ou até citam outra licenciatura, pelo o fato de ter mais homens do que mulheres. E por parte de pais, foi igual eu te falei: o pai chegou na porta e perguntou pela professora, mesmo eu estando do lado. E com o tempo ele me reconheceu como professor. Mas no mais são apenas olhares. Você vê assim aquela questão de alguma negação, aquela conversinha... Mas a gente tem que relevar algumas coisas, porque sair peitando tudo você que sai como errado. Nos resta demonstrar o trabalho e conquistar espaço. [...] tem os momentos certos para debater. Porque na maioria das vezes acontece na hora da entrega da criança ou na recepção. E naquele momento eu não tô ali pra debater e nem brigar com nenhum pai. É um momento que eu tenho que receber a criança, e eu tenho que fazer com que esse momento seja proveitoso

e pedagógico. Então eu tenho que pensar primeiro na criança, e em um posterior, depois, fora da aula, em um tempo depois, eu devo procurar esse pai para conversar, pra ter uma conversa até mais formalizada e fazer ele compreender (SOUSA, 2018).

Rony Von Mesquita, como já demonstrado, só teve experiências como pedagogo enquanto era estudante, por meio de estágios. Quando questionado se sofreu preconceitos, ele diz que

não, pelo o contrário! [...] As meninas mesmo falavam que eu e meu outro colega como homens, a gente até causava um ponto de equilíbrio porque quando tem só mulher junto, você já viu né? É muita disputa entre elas, às vezes a gente dava uma apaziguada. Mas preconceito não! (MESQUITA, 2018).

Mesmo que Rony Von Mesquita diga que não sofreu preconceitos, salta aos olhos como sua visão de gênero está assentada em uma concepção naturalizada que perpetua os estereótipos masculinos e femininos, retroalimentando assim o preconceito contra os próprios pedagogos homens. A ideia de que mulheres são passionais, competitivas e desorganizadas encontra seu contraponto na ideia de que os homens são mais racionais, solidários e organizados. No imaginário machista, tais características estariam inscritas na natureza de cada mulher e cada homem, habilitando a primeira para determinados trabalhos e desabilitando o segundo para outros. Como ocorre, por exemplo, com a própria pedagogia.

Marcos Antônio Caixeta Rassi, como também já foi explanado, dispõe de uma vasta experiência como professor e como gestor educacional. Porém, não chegou a atuar como pedagogo propriamente dito. Sobre sua experiência relacional com os preconceitos que o curso de Pedagogia carrega, ele discorre:

[...] Mas é porque também no circuito em que eu convivia, eles sabiam que eu não tinha pretensão de ser professor da educação infantil, nem dos anos iniciais. Eles sabiam que meu interesse era mais nessa parte de orientação, de supervisão, de administração, era mais essa parte vamos dizer burocrática, e não de sala de aula mesmo para educar crianças. Porque essa é uma dificuldade que eu tenho mesmo. Eu não consigo. A minha experiência de ser professor de sexto ano é desastrosa. Eu não consigo! A sala vira uma bagunça, eu perco a paciência, é um “tio, tio, tio” pra lá e eu me descontrolo completamente. Então assim, essa é um tipo de experiência que eu já encerrei na minha vida. Olha, pra isso eu não posso. Porque eu acho que cada um tem que achar o seu lugar dentro do mercado de trabalho e dentro da área que você se forma. Então eu não senti preconceito, mas não cheguei a atuar efetivamente como professor dos anos iniciais, nem da educação infantil (RASSI, 2018).

Continuando, agora iremos abordar como nossos entrevistados veem a importância da discussão de gênero no curso de Pedagogia. Marcos Antônio Caixeta Rassi reagiu ao questionamento da seguinte maneira:

Sem dúvidas! Extremamente importante! Determinante para a formação do educador. Não tenha dúvidas... Quem dera na nossa época... É porque isso ainda não tava demandado pela sociedade civil. Quanto muito era de etnia. Porque o movimento negro, por exemplo, ele é anterior a essa discussão de gênero. Então já se tinha alguma coisa relativa, por exemplo, a questão de raça, etnia... Então gênero não! Gênero é uma discussão que vem depois. Mas para uma sociedade

multicultural, diversa, é determinante, eu não tenho dúvidas! É fundamental que o professor tenha elementos para sua prática docente que amplie sua noção de cidadão, e cidadania pressupõe a discussão de gênero. Então isso é tão importante quanto discutir religião e outras coisas mais. Não tenho dúvidas (RASSI, 2018)

Rony Von Mesquita explana que

a gente vê que a sociedade discrimina por cor, por raça, por sexo... Às vezes até em questão da homofobia que hoje muita gente discrimina, mas eu nunca tive nenhum tipo de problema! Sempre tratei todo mundo com respeito e nunca vi esse problema. Mas igual já te falei, nesse caso creio que se eu fosse pra sala dar aula teria uma estranheza. Você pode ver hoje no curso de Pedagogia é muito difícil ver um homem e tal. Mas eu fiz pedagogia e aprendi muito mesmo! Foi muita coisa que aprendi pra minha vida e que até hoje eu coloco em prática (MESQUITA, 2018).

Messias Soares de Souza diz que

não só dos pedagogos, mas de qualquer curso! Na sociedade, a gente vai ter que conviver com a diversidade. Eu não posso me olhar no espelho e achar que existe uma máquina de produção em série e que vai ser todo mundo igual a mim, tanto no comportamento e na fisionomia. A todo momento eu vou me deparar com a diversidade. Então é importantíssimo, principalmente no curso de Pedagogia, que eu vejo até por mim, que entrei com a cabeça bem mais fechadinha. Depois que eu fiz o curso é que eu comecei a abrir um pouco meu pensamento. [...] Então eu acho que é de suma importância, e foi muito pouco trabalhado. E o que se trabalhou foi muito a denominação, foi bem superficial.

3 Considerações finais

Por meio dos motivos que levaram os sujeitos entrevistados a cursarem Pedagogia e também seus caminhos profissionais, podemos notar que, apesar de todos terem concluído o mesmo curso, ambos tiveram motivos antagônicos para cursar Pedagogia e também seguiram percursos profissionais antagônicos: Marcos Antônio Caixeta Rassi se especializou na área educacional e hoje, além de professor, coordena os cursos de Pedagogia e História do Centro Universitário de Patos de Minas - UNIPAM. Rony Von Mesquita não chegou a lecionar, e dá maior ênfase para o efeito que o curso teve em sua vida pessoal. Já Messias Soares de Souza se engajou como pedagogo e, apesar de ter se formado há poucos anos, já dispõe de uma vasta experiência como professor da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I.

Em meio a esses relatos orais, são perceptíveis diversas representações sociais, como a associação de cursar Pedagogia ao fato de gostar de crianças e também como sendo uma “ponte” para lidar com crianças, associando, assim, o curso a função materna/paterna.

Além disso, um curso marcadamente feminino, que, de 2011 a 2016, contou com 302 mulheres e somente com 8 homens (gráfico 1), tem como coordenador um homem. Por meio dessa afirmação podemos comprovar algo que já foi apresentado neste trabalho: o fato de os homens se inserirem nos altos níveis hierárquicos do meio educacional.

Por meio dos dados quantitativos apresentados pelos entrevistados, e também dos dados advindos do Centro Universitário de Patos de Minas - UNIPAM, nota-se que, no recorte temporal abordado no presente estudo, a feminização do curso de Pedagogia é

ainda vigente e fica nítido que ele carrega consigo diversas representações sociais de gênero que, durante os anos, vêm se perpetuando.

Sobre os preconceitos que os pedagogos vivenciam, nota-se que nossos entrevistados os percebem de forma diferente: Messias, com sua vivência como pedagogo, presencia essa realidade e tenta mitigá-la diariamente. Rony, que não chegou a lecionar, tem suas ideias interligadas ao senso comum e acaba por não perceber que sua própria fala vem carregada de preconceitos ligados às representações sociais que o curso estudado carrega. Marcos, com sua vasta experiência como professor e como gestor educacional, reconhece que existem preconceitos no curso de Pedagogia quando se trata das relações de gênero. Porém, no seu caso, ele admite que não sentiu diretamente esses preconceitos.

Dito isso, conclui-se que utilizar o gênero como uma categoria de análise histórica no curso de Pedagogia é de suma importância para visualizar as diversas representações sociais de gênero que ele carrega e, assim, ir paulatinamente superando as mesmas, a fim de se obter uma mesma realidade para ambos os gêneros.

Referências

GATTI, Bernardete A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. *Edu. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/16.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2018.

MARAFON, G.. (Des)caminhos do feminino na história de feminização do magistério. In: *VII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas - História, Sociedade e Educação no Brasil, 2006*, Campinas. Cd-Rom do VII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas - 20 anos de HISTEDBR Navegando pela história da educação brasileira, 2006. p. 1-22. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario7/TRABALHOS/G/Giovanna%20marafon.pdf. Acesso em: 06 jun. 2018.

MESQUITA, Rony Von. *Entrevista cedida a Amanda Gomes de Brito*. Patos de Minas, 20/11/2018.

PEREIRA, Flávia Goulart. *Homes no curso de Pedagogia: “As razões do improvável”*. 2013. 146 p. Dissertação (mestrado)- Faculdade de Educação, UFMG, [S.l.], 2013. 1. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-9EFFH6/fl_via_goulart_pereira.pdf?sequence=1&fbclid=IwAR2_Uzn83GezmUsfYWiKHJEGSjmhhCJLHPGUi4pQjOkV7ljhFfgFMBi5Aw. Acesso em: 22 ago. 2018

RABELO, Amanda Oliveira. Debates sobre gênero na docência: o professor do sexo masculino nas séries iniciais do Rio de Janeiro-Brasil e Aveiro-Portugal. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 48, p. 207-234, jun. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n48/n48a13.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2018.

RABELO, Amanda Oliveira; MARTINS, António Maria. *A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério*. Universidade de Aveiro: [s.n.], 2006. 10 p.

RASSI, Marcos Antônio Caixeta. *Entrevista cedida a Amanda Gomes de Brito*. Patos de Minas, 05/11/2018.

SÁ, Carolina Mafra de; ROSA, Walquíria Miranda. A história da feminização do magistério no Brasil: uma revisão bibliográfica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA

EDUCAÇÃO, 3, 2004, Curitiba. *Anais do III Vitória: Sociedade Brasileira de História da Educação Congresso Brasileiro de História da Educação.*, 2004. p. 1-8. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo5/477.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2018.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul./dez. 1990.

SOUZA, Messias Soares de. *Entrevista cedida a Amanda Gomes de Brito*. Patos de Minas, 15/11/2018.

TORRÃO FILHO, Amilcar *Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam*. 2004. 26 p. artigo (Doutorando em História) - IFCH, UNICAPM, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu, 2004. 1. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332005000100007&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 18 set. 2018.

UNIPAM, Centro Universitário de Patos de Minas. *Entidade mantedora- FEPAM*. 2018. Disponível em: <https://ead.unipam.edu.br/fepam.php>. Acesso em: 16 jun. 2018.